

Anarquismos amigos

Gustavo Simões

Edgar Leuenroth

Anarquismo: Roteiro da libertação social
São Paulo/Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

Edson Passetti

Anarquismo Urgente
São Paulo/Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.

Dois livros lançados no segundo semestre de 2007, pela editora anarquista *Achiamé* em parceria com o Centro de Cultura Social de São Paulo, *Anarquismo: Roteiro da libertação social* escrito por Edgar Leuenroth e *Anarquismo Urgente* de Edson Passetti, animam os libertários de diferentes procedências a problematizar as práticas do anarquismo hoje, momento em que passam jovens cada vez mais interessados apenas em manifestar uma insossa indignação passageira ou que procuram no anarquismo um refúgio covarde, porto-seguro oportunista e medroso, palatável manual de sobrevivência alternativa.

Edgar Leuenroth expõe aos leitores no início do livro de 208 páginas, divididas em quinze capítulos, compostos por breves escritos seus e de militantes libertários brasileiros e do mundo, os motivos para a redação do livro:

os militantes, simpatizantes e estudiosos recorrem às obras estrangeiras, que mandam vir das editoras de países da América e da Europa. Patenteia-se, portanto, a urgência, de novas edições brasileiras de obras clássicas dos teóricos do anarquismo ou de novos livros que correspondam à necessidade da divulgação, no Brasil, de princípios libertários (LEUENROTH, 2007: 16).

Os primeiros textos de *Anarquismo: Roteiro da Libertação Social*, como o assinado pelo jornal português *A Batalha* desassossegam o

leitor acostumado com a militância apartada dos riscos do combate ao expor a coragem dos anarquistas que mesmo após violentos confrontos, “refazem-se de forças, para continuar” (LEUENROTH, 2007: 22). Outro jornal, o *Umanitá nova* completa: “ser anarquista (...) não é fácil. Significa tomar todos os dias, em face de todos os problemas, grandes e pequenos, da vida, uma posição teórica e prática que contrasta e se choca com as conveniências do próximo, que suscita suspeitas, ódio e furor no seio dos guardiões da ordem, que são todos aqueles que se vêem beneficiados pelos seus privilégios” (LEUENROTH, 2007: 32).

Afastando-se dos marxistas e das suas práticas de luta e assumindo a perspectiva de uma revolução libertária, Victor Franco afirma: “o que caracteriza o anarquismo como sistema é a coerência lógica de suas finalidades com os meios empregados para realizá-las (...). Portanto, para os anarquistas, defender a revolução é manter seu caráter anárquico, e, para mantê-lo, é logicamente necessário que esse caráter exista desde o início” (LEUENROTH, 2007: 55), e Ugo Fidelli interessado em liberar os libertários da redução simplificadora da luta de classes diz que “o anarquismo não se limita a essa visão restritiva dos conflitos sociais: procura atingir com sua crítica a todas as espécies de sujeição, seja esta econômica, ou religiosa, seja política ou moral” (LEUENROTH, 2007: 56). Em “Por que os anarquistas não aceitam a ação política eleitoral?”, texto em que Edgar Leuenroth responde ao interesseiro convite para sua candidatura a um cargo representativo na câmara da cidade fica mais nítida a inconciliável relação entre as práticas libertárias, as marxistas e as liberais. “Como libertário, não aceito a ação parlamentar, que implica a delegação de poderes, o que constitui séria divergência doutrinária com o anarquismo” (2007: 59); e no texto seguinte conclui: “a liberdade só se chega seguindo o roteiro da liberdade” (2007: 68).

Entretanto o fôlego de Leuenroth não pára no mero contrapositionamento com o marxismo. No texto “Presença atual”, o militante libertário questiona a noção numérica que define a maioria como representante dos interesses do povo citando acontecimentos

históricos como a Alemanha nazista e a Itália de Mussolini para mostrar como a multidão facilmente se transforma em combustível que anima a emergência de fascismos.

Em face de tais majorias numéricas, os anarquistas representam, certamente, um movimento de minoria. E isso constitui motivo de satisfação e, por que não dizer, de orgulho para os libertários, pois é preciso ter coragem, muita coragem e decisão, alimentada pela capacidade de resistência de uma inabalável ética social (...) Jamais pretenderão os anarquistas reunir em seu movimento multidões majoritárias (LEUENROTH, 2007: 91-92).

Leuenroth afirma que o anarquismo em nenhum momento deixou de combater a emergência de fascismos no planeta através da incessante produção da imprensa libertária e “na luta permanente de seus militantes, que, no desenvolvimento de sua atuação corajosa, chegam a suportar até o sacrifício de suas vidas” (LEUENROTH, 2007: 94).

A partir do nono capítulo de *Anarquismo: Roteiro da libertação social* “Origem e desenvolvimento do anarquismo”, os textos de Edgar Leuenroth e dos demais militantes afastam-se das explicações e sistematizações sobre as bases, métodos e definições do anarquismo e começam a mapear a irrupção de experiências libertárias no Brasil e no mundo. Leuenroth relata a vital participação dos libertários na atuação junto ao movimento contra a carestia da vida em São Paulo para a criação de feiras-livres e na formação da Liga dos Inquilinos, que intervinha nos despejos ocorridos na cidade. No entanto, entre todas estas experiências abordadas, a que marcou mais o militante e a que ele dedicou maior espaço foi à “Nossa Chácara”. Para Leuenroth, a “Nossa Chácara” era a utopia dos anarquistas transformada em realidade, com o objetivo, segundo ele, de desenvolver a sociabilidade entre os participantes do movimento, promover festivais de música, literatura e teatro. “Reunindo-se o útil ao agradável, consegue-se, por esse meio, um proveitoso resultado educacional (...) e constituindo, ainda, ambiente propício para criar e reforçar antigas amizades” (2007:135).

Aos parceiros, amigos vindos de outros cantos, Leuenroth concentra em algumas páginas toda a energia e intensidade de alguns que passaram e agitaram no Brasil, ao escapar com vida dos embates contra o poder ao redor do mundo como Paulo Bertholot, anarquista francês, que segundo o autor do livro “aqui aportou com notável bagagem de cultura, depois de uma peregrinação por vários países, foi morrer nos sertões de Goiás, numa tentativa de convivência comunitária com os índios” (LEUENROTH, 2007: 113); Herrerita, poeta boêmio vindo do Uruguai que “além dos originais de valiosos trabalhos, levou uma lata de goiabada e uma coleção de números, com coleções suas, de *A Lanterna*” (LEUENROTH, 2007: 114); e o conhecido Gigi Damiani, “pintor de profissão, jornalista e escritor, sempre com um sorriso irônico, pouco falador” (LEUENROTH, 2007: 114). Muitos destes anarquistas foram expulsos do país enquanto outros eram presos junto com os libertários brasileiros em São Paulo, no Rio de Janeiro e mais tarde no campo de concentração da Clevelândia. Leuenroth grava sua revolta “em caracteres de sangue” pela existência destes anarquistas que “foram detidos, mantidos presos em sórdidos presídios, depois metidos no porão de um navio em promiscuidade com outras vítimas da reação e de desgraçados marginais criados pelos desajustamentos da sociedade capitalista, e, no final de penosa viagem deixados sem nenhum recurso, nos confins do norte, vindo a sucumbir, após horríveis sofrimentos, sem o mínimo socorro, nas matas da Clevelândia” (LEUENROTH, 2007: 25). Para resistir a política que tinha como objetivo prender, matar e expulsar os anarquistas do país, Leuenroth e outros anarquistas inventaram os Comitês Pró-Presos e Deportados com o objetivo de ajudar e socorrer na prisão os militantes e prestar auxílio a suas famílias.

Leuenroth, em todos os seus textos atenta para as diferentes resistências libertárias. Dedicou boa parte do livro às experiências coletivistas na Espanha, a emergência dos makhnovistas e a atuação dos libertários na Revolução Russa, na Comuna de Paris, mas também não deixa de dirigir seu olhar para pequenas insurgências anônimas

que não constam nos livros que pretendem fazer a História do anarquismo. Com sensibilidade apurada, ele conta sem revelar os nomes, a história menor de um casal anarquista espanhol que fora detido pelas forças fascistas de Franco durante a guerra civil. “Como requinte de malvadeza não foi permitido que o casal ficasse no mesmo edifício presidiário, nem mesmo na mesma localidade, com o propósito de serem evitadas, comunicações com parentes ou amigos. Ela, depois de submeter a processo e condenada, foi transferida para o presídio de Málaga. Ele, após o processo e a condenação, viu iniciada sua peregrinação por 17 presídios, sendo transferido de uma prisão para outra e para campos de concentração de diversas localidades. Após sete anos de prisão, num processo cheio de episódios cada qual mais curioso, conseguiram libertar-se e atravessar as fronteiras em busca de outras paragens” (LEUENROTH, 2007: 156-57).

Em *Anarquismo: roteiro para libertação social*, Edgar Leuenroth e seus companheiros de luta apresentam desde os conceitos tradicionais do anarquismo, seus embates históricos, suas diferenças com os demais socialismos e os métodos de ação empregados nas lutas até o momento em que ele foi redigido em 1963. A militância cotidiana pela revolução libertária prepondera, assim como a formação de uma conduta militante. Há também a ênfase no investimento libertário no presente, através de experiências de sociabilidade como a Nossa Chácara, a invenção de peças de teatro, de festivais de música e literatura. Os textos do livro formam um roteiro que busca a formação de militantes coerentes e corajosos, anarquistas com disposição para arriscar sua própria pele.

Edgar Leuenroth se intitulou segundo Jaime Cubero um “fazedor de jornais”¹. Leuenroth militava com seriedade: “o movimento libertário tem a imprensa como seu principal veículo de propaganda e combate (...) Não abrigam publicidade paga, sendo sustentados por meios de subscrições voluntárias (...) Alguns deles traziam em seus cabeçalhos a

¹ CUBERO, Jaime. “Edgar Leuenroth, o homem e o militante” in *Verve* 10, Nu-Sol, p. 216.

legenda: sai quando pode” e com prazer “deve se consignar que toda essa labuta é executada após as jornadas de trabalho profissional de cada um, avançando noite adentro em ambiente de animada convivência” (LEUENROTH, 2007: 101).

Os três primeiros textos do livro de ensaios *Anarquismo urgente*, de Edson Passetti, anarquizam o branco da página inventando um espaço diferente, surpreendendo o leitor acostumado a diagramação e ao espaço bem delimitado entre linhas e parágrafos. Em “anarquizar os anarquismos”, Passetti afirma a invenção anarquista, a sua força e provoca aqueles que ainda crêem na utopia revolucionária “anarquia é preciosa, não se ajeita numa jaula esperando pelo futuro (...) arrebenta a jaula, derrete as grades com fogo e sexo” (PASSETTI, 2007: 9) e no texto seguinte, habitado por outras experimentações libertárias com as palavras, grava nas estranhezas aquilo que singulariza a luta dos anarquistas contra a prisão: a afirmação de que todo preso é um preso político. Em “Arte e resistências: ensaio entre amigos”, abre sua reflexão com o canto e a leveza intensa de Maria Betânia, para depois associar a atitude corajosa do abolicionismo penal com a obra instalação *Carandiru* de Lygia Pape, na qual a artista questiona: “O que o Carandiru faz? Prepara as pessoas para a morte. Como é que o Brasil, que está se tornando um país de velhos, dá-se ao luxo de destruir esta juventude? Não é só uma questão política, é também uma questão de espírito e conceito. Não se abre mão da vitalidade” (PASSETTI, 2007: 22).

Das resistências dadá, arte que arruína museus, Passetti segue para a vida artista de Nise da Silveira que, com sua contundência, não deixou-se apanhar pela psiquiatria e nem pelos mecenas e críticos que julgavam como obras de arte os objetos inventados pelos loucos do hospício. Segundo Passetti, Nise investiu em parceiros e não mais em pacientes na Casa das Palmeiras, pequeno território livre em resistência à ditadura da psiquiatria. Associando a vida da antipsiquiatra apaixonada por gatos, Machado de Assis e Dostoievski, e sua constante

luta contra a uniformização, ele conclui “ ‘A vida não é isso ou aquilo’ disse-me Nise durante a gravação do vídeo que leva seu nome (...) Entre os anarquistas sempre foi muito nítida a impossível separação entre isto e aquilo. Nas maneiras pelas quais nos associamos livremente podemos exponencialmente ampliar as relações de liberdade ao mesmo tempo em que reduzimos potencialmente as de autoridade, traçando percursos surpreendentes que compõe tensões próprias da vida e impossível de ser pacificada” (PASSETTI, 2007: 42-42). Loucura solta de Nise e Antonin Artaud.

De maneira libertária Edson Passetti apresenta Deleuze e sua filosofia da diferença, a relação do *entre* estabelecida com Guatarri, o nomadismo, as invenções e conceitos do filósofo e para além da divergência acerca do desejo e do prazer estabelecida entre ele e Michel Foucault, inventa um jeito seu de lidar com o problema, potencializando a parceria, ao afirmar: “Que o desejo seja a vontade de gozo no encontro atual!” (PASSETTI, 2007: 57). Sobre a vinculação que alguns autores interessados realizam entre a obra de Foucault e o anarquismo, Passetti demonstra que esta proximidade só acontece no “campo da atitude demolidora na fronteira” e que:

pretender vincular diretamente anarquismo e Foucault é se propor a andar em círculos tentando apanhar o próprio rabo, que devido a tantos giros termina ferido e fedido (...) Foucault desafia os anarquistas a saírem do bolor, da mesma maneira que estes foram abalados por Stirner e cujas ressonâncias aguardam outros inventivos percursos de liberdade (PASSETTI, 2007: 61).

Contudo, ele chama a atenção para a problematização do filósofo francês, as difíceis tentativas de filósofos, anarquistas e poetas no século XIX, para reconstituir uma “ética do eu”. Passetti ao lidar com esta noção de estética da existência mostra como o retorno a si, presente na reflexão destes pensadores, “inclui a livre escolha dos exercícios não como regra de vida, mas arte de viver para fazer da própria vida uma obra” e conclui que “o sujeito, no caso o anarquista, volta-se para uma conversão a si, um retorno a si, uma navegação (...) Navegar implica arte, saber, técnica em pilotagem” (PASSETTI, 2007: 67). No texto seguinte, o autor do livro se refere ao Centro de Cultura

Social de São Paulo como generoso espaço de acolhimento para forças parceiras e no curto e intenso texto sobre o amigo, companheiro de viagens, e risadas, Jaime Cubero, pergunta: “quem gosta de comemorar morte de amigo? (...) Jaime está vivo, amigo estelar, enquanto estiver vivo o anarquismo no Brasil, no planeta” (PASSETTI, 2007: 74).

Em “De conversa em conversa: parrésia anarquista”, Passetti retorna as constatações de alguns “militantes institucionais e acadêmicos” após a guerra civil espanhola que apressadamente decretaram a morte da anarquia, passando pelos desdobramentos e acontecimentos anarquizantes de 1968, quando, segundo ele, “os anarquismos estavam vivos, menos como resistências e mais como forças inventivas intensas” (PASSETTI, 2007: 82), até a atualidade, com os efeitos conservadores pós 1968, respostas do “medo conservador, democrata, social-democrata e socialista, as ousadias dos nomadismos da anarquia” (PASSETTI, 2007: 82). É justamente neste momento que a democracia traz consigo a utopia de uma outra globalização que entre posicionamentos e contrapositionamentos, se encontram os anarquismos, restritos e confinados a resistência no interior de um movimento social. O ensaio analisa a atuação libertária afirmando que hoje “não se trata apenas de resistir, pois do ponto de vista anarquista, isto seria restringir-se a atuar *contra* a ordem. Adotando uma posição como esta se acaba aceitando a condição de sujeição, seja pela imobilidade gerada pela espera ou dedicação à utopia da sociedade igualitária ‘e mais uma vez basta lembrar que as utopias consolam’, ou pela inevitável adesão às lideranças organizadoras” (PASSETTI, 2007: 84).

Nos embates no interior da universidade, Edson Passetti questiona o equívoco redutor do antropólogo David Graeber, que interessado em “trazer o anarquismo para dentro da academia” (PASSETTI, 2007: 98), restringe a história dos anarquismos a um confronto entre o anarquismo científico de Kropotkin e o socialismo científico de Marx. A tentativa de Graeber para dar estatuto científico ao anarquismo, Passetti responde afirmando uma diferença vital: “A

universidade não é sinônimo de academia e (...) diante da pequena teoria talvez seja mais interessante reconhecer-se como menor. Não uma minoria numérica ou social, mas aquela capaz de transtornar. Os anarquismos podem ser menores, mas não nasceram pequenos” (PASSETTI, 2007: 99). Num outro ensaio adiante, “Anarquismos na universidade”, retoma a história no Brasil da emergência dos primeiros coletivos e pesquisadores no interior da universidade, abrindo um campo antes dominado por marxistas e considerado pelos libertários como um lugar para não sujarem os pés. Tudo isto ocorreu segundo Passetti “com a chegada dos estudantes anarquistas, suas associações, desacatos e incômodos, que propiciaram a coexistência com professores libertários e os integrantes de centros de cultura no final dos anos 1970 e início dos anos 1980” (PASSETTI, 2007: 101).

Dos três ensaios que encerram o livro, dois se voltam para jovens e crianças. Enquanto no texto “Educação e fluxos libertários”, Passetti mostra como os pré-socráticos inventaram uma maneira de lidar com as crianças e jovens arruinando o culto à obediência na autoridade superior e investindo numa educação que não teme a autoridade, exercitando o que os gregos chamaram *parrésia*, ato de falar francamente com um superior, em “Pintar o Sete”, a conversa é com jovens pesquisadores que não desejam engrossar o rebanho de lambe botas sem vida que habita a universidade apenas para obter um diploma ou a garantia de um emprego. “Pesquisar. Indagar a respeito e não mais inquirir. Esquecer o inquérito. Lidar com políticas da verdade e romper com a Verdade, a Vida, o Homem, a Ciência, e pesquisar. Livre da moral, destruindo a moral, enfrentando suas forças (...) Pesquisar a vida com vida, sem governar os outros” (PASSETTI, 2007: 118). O último texto do livro, “Controle e rebeldia”, com apenas um parágrafo e fôlego intenso, problematiza as resistências e contraposicionamentos hoje, na atual sociedade de controle e conclui que esta sociedade atual, “não suporta os rebeldes, porque estes desestabilizam até revoluções. Os rebeldes não aceitam acomodação em seu interior, nem se consolam com utopias ou votos válidos, brancos ou nulos. São artistas da vida,

amigos das experimentações da liberdade, não se amedrontam diante de ameaças. Resistem. Na era da comunicação instantânea e dos efêmeros, repare no rebelde que se aproxima, agora, de perto, quase imperceptível, invisível. Vírus? Tuuuuuuuuuuuuuimmmmm. MÁQUINAS DE GUERRA” (PASSETTI, 2007: 120).

O Anarquismo urgente de Edson Passetti se afasta da perspectiva revolucionária de alguns anarquistas e da militância reprodutora de condutas. Não segue um roteiro “itinerário ou descrição escrita dos pontos que é preciso conhecer para se fazer uma viagem por mar”². Atua como insurgência e levante agora, inventando percursos. Livro que investe na abolição do autor em detrimento da pessoa. Livro mais para parceiros do que leitores. Livro de ensaios curtos-circuitos, sabotagens, associações inesperadas que arruinam a moral. A voz de um recalcitrante perguntará: o que pôr no lugar? Não por mais nada nem ninguém dentro. Livre. Convite para deixar de contemplar a vida estando na margem e atirar-se no rio.

² Aurélio Buarque de Holanda. *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p.1071.